

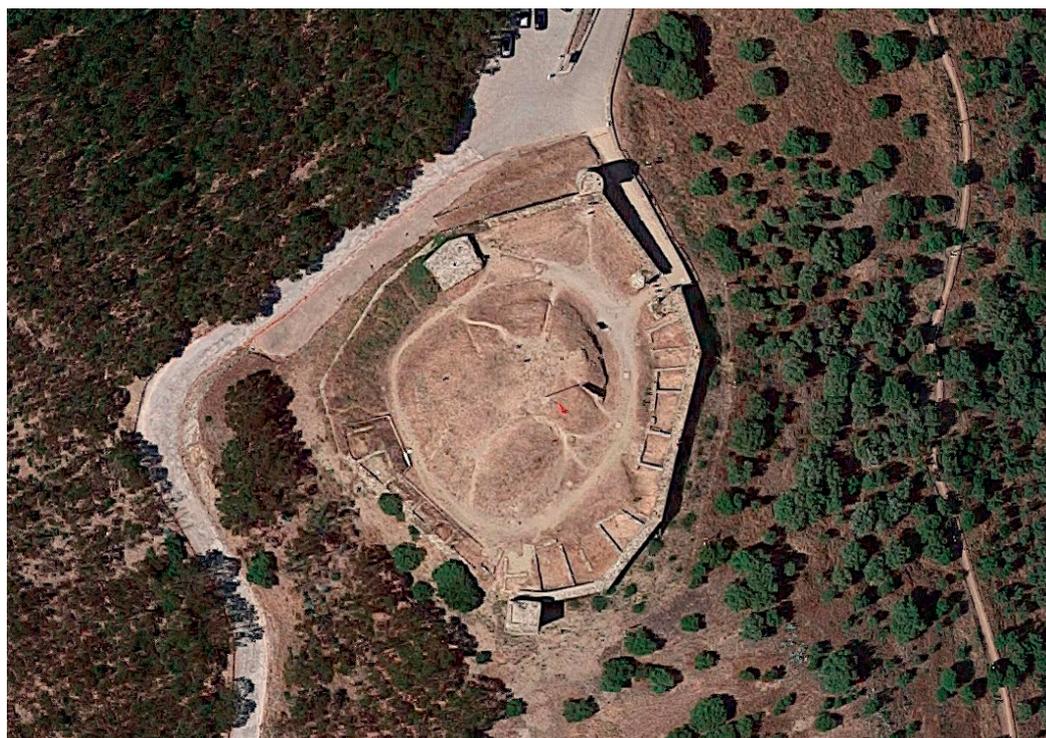
ALJEZUR

O castelo de Aljezur, classificado em 1977 como Imóvel de Interesse Público, foi edificado no topo de um cerro, sobranceiro ao núcleo prístino da atual povoação, que se desenvolvia junto à margem esquerda do rio de Aljezur. Este, foi navegável até ao século XVI e permitia fácil ligação ao mar. Aljezur é, presentemente, sede de concelho e freguesia com o mesmo nome. O seu Castelo, localizado junto de importante via terrestre que liga o Algarve ao Baixo-Alentejo, controlava e defendia a povoação, junto da qual existiam férteis terrenos agrícolas, próximos de setor Litoral do Barlavento Algarvio. O acesso àquele monumento efetua-se para quem vem do norte através da autoestrada (A2), até à saída para Grândola, depois pela IC4 em direção a Sines e a seguir pela N120 até Aljezur ou, seguindo pela N120 a partir da via do Infante.

Castelo de Aljezur

APÓS A RECONQUISTA CRISTÃ DE ALJEZUR, em 1249, o seu castelo terá sofrido obras de conservação, conforme consta no foral, de 1280, atribuído por D. Dinis. Ele foi doado à Ordem de Santiago, sendo descrito na Visitação, ocorrida em 1482, nos seguintes termos: *ho muro do dito castelo da banda do mar tem bñu gram pedaço derrebado quamto diz do argamassado pera ciima. E mais achamos que a çisterna do diito castelo que he muy bõa esta muy danificada por nom ter*

portas asy na boca \dela/ E bem assy achamos as portas do dito castelo huña delas quebrada e ssem terem nenhuña fechadura nem fferrolho ho que ouvemos por muy mal ffeito... , recomendando-se então que se Reapaire o lamço do dito muro E faça d'altura do outro que ainda aguora esta alevantado \com ssuas ameeas/ E bem assy mandara alimpar a dita çisterna de demtro e tiral-lbe toda-las pedras... Ali se sugere a colocação de chave na cisterna mencionada e, no que respeita ao amuralhado, considera-se que as



Vista aérea do castelo
(Imagens ©2022 Google,
Imagens ©2022 CNES / Airbus,
Maxar Technologies,
Dados do mapa ©2022)

portas devem estar fechadas, tendo em vista impedir a sua destruição e, em particular, a retirada de pedras dos muros para serem reutilizadas noutras construções. Este monumento não é referido na Visitação de 1490, não se sabendo se foram realizadas as obras anteriormente recomendadas.

Na Visitação efetuada, em 1565, o castelo de Aljezur foi entregue a Afonso Pires, procurador de D. João de Castelo-Branco, comendador e alcaide mor da vila. O monumento teria *...muro velho e derribado per partes e já com poucas ameias e sem portas e sem mais que os sobre arcos e portais e com hũ a cisterna dentro sam e jnteira e com hũ baluarte ou cubelo redondo da parte do norte e da parte do sull com outro torejão pequeno e desameado, descoroado de ameias e logo apegado a dita tore o dito castelo está quebrado e feito Rombos no meio dele...*

No século XVI o castelo de Aljezur é descrito por Henrique Fernandes Sarrão como *em um serro muito alto e deborcante, onde se afirma haver grande tesouro e, na centúria seguinte, diz-se que a vila tem hu Castello antigo E em p.te arruinado...* Ulteriormente, em 1841, João Batista da Silva Lopes visitou Aljezur e descreve aquele monumento como *hum castello forte em tempos dos mouros, cujas ruínas ainda hoje se conservam na parte mais elevada do serro ... com duas torres huma ao Norte e outra ao Sul, huma formosa cisterna em hum lado interior, conservada em bom estado...*

Aquele dispositivo defensivo apresenta área de forma poligonal, bem adaptado a elevação onde foi edificado,

tendo, a sul, torre retangular adossada e, a norte, defendendo entrada direita, torre circular. A matéria-prima utilizada na sua construção foi o calcário miocénico da região. No interior observa-se, ainda, a cisterna, com planta de forma retangular.

Escavações arqueológicas implementadas pela Unidade de Arqueologia do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, sob direção de Carlos Tavares da Silva, permitiram ali reconhecer importante sucessão estratigráfica, que integra materiais com ampla cronologia, desde a Idade do Bronze Final passando pela II Idade do Ferro, Idade Média, muçulmana e cristã, até à Idade Moderna.

A esta última permanência pertencem estruturas dispostas perpendicularmente ao pano de muralha, correspondentes a aquartelamento tardo-medieval e moderno, que terá sido abandonado no século XVI ou nos inícios da centúria seguinte, conforme documentam as cerâmicas ali exumadas. Sob aqueles testemunhos foram reconhecidos setores de espaços habitacionais e estruturas subterrâneas muçulmanas, cujo espólio permitiu classificá-los nos séculos XII-XIII. A ocupação medieval cristã está, também, documentada, por ora, através de alguns materiais cerâmicos. Dada a reduzida área ocupada pela fortificação, as casas da Comenda da Ordem de Santiago localizavam-se entre o castelo e a igreja matriz. A análise do aparelho construtivo

Vista geral do lado nascente





Porta de acesso e vista da torre norte



Torre quadrangular do lado sul

Cisterna com planta de forma retangular, vista do interior



do castelo de Aljezur permite considerar que a torre circular deve ser anterior à construção do pano de muralha, que se observa conforme indica a ligação entre eles. Aquela estrutura, poderia corresponder, em uma primeira fase, a simples torre atalaia à qual, ulteriormente, terá sido anexado pano de muralha, reforçado por torre retangular adossada, que atribuímos, através do espólio identificado,

ao século XII ou aos inícios da centúria seguinte. É possível que a transformação daquele dispositivo defensivo, nos primeiros tempos da modernidade, tivesse ocorrido após 1482, altura em que se encontrava muito destruído.

O castelo, presentemente, continua com a porta aberta, o interior encontra-se cheio de vegetação e abandonado, enquanto a cisterna, abobadada, está pouco limpa.

Este dispositivo defensivo garantia a segurança no sudoeste do território de Silves, cuja área de influência se prolongava para oriente até às terras dos atuais concelhos de Lagoa e de Albufeira e a ocidente incluía todos os concelhos do Barlavento e parte do Baixo Alentejo. Durante a administração islâmica, ele contribuía, a par de outros dispositivos defensivos, para garantir a defesa litoral e a segurança deste setor da costa, assim como o acesso ao *hinterland*. A norte, no sítio da Carriagem, freguesia do Rogil, no cimo de elevação, existia torre retangular, de que subsiste a base edificada em pedra da região, muito bem aparelhada. Outra torre, onde temos vindo a realizar intervenção arqueológica, situava-se no Vale da Torre de Baixo, que controlava a ligação entre o Baixo Alentejo e o Algarve. Esta é constituída por torreão cilíndrico e por espaço amuralhado a ele anexo a poente, com planta subcircular, contendo pátio central e seis compartimentos em redor. Trata-se de construção, erguida em pedra da região, com dupla função de servir como celeiro e, dada a sua localização, permitir controlar um dos principais acessos ao Algarve através de

via litoral. Ela constitui reflexo da produção cerealífera, da várzea próxima, encontrando melhores paralelos arquitectónicos nos denominados celeiros-cidadelas, de origem berbere. Estes foram erguidos em meio rural, nas regiões montanhosas do Magrebe, dado que nas planícies a conservação de cereais se fazia sobretudo em silos.

Durante a primeira metade do século XII, o controlo do Litoral, a sul do castelo de Aljezur poderia estar dependente do *Ribāt* da Arrifana, fundado pelo famoso mestre sufi Ibn Qasī e ocupado por monges guerreiros, entre cerca de 1130 e até 1151.

Texto: RVG - Fotos: JNG

Bibliografia

ANTUNES, L.P., 1987, pp. 51-70; AZEVEDO, P.A., 1901, pp. 171-172; CORRÊA, F.C., 1992; GUEDES, L.C., 1988; LOPES, J.B.S., 1941; GOMES, M.V. e GOMES, R.V., 2019, pp. 343-352; GOMES, R.V. e GOMES, M.V., 2007; GOMES, R.V. e GOMES, M.V., 2013; GUERREIRO, M.V. e MAGALHÃES, J.R., 1983; SILVA, C.T. e GOMES, R.V., 2001, pp. 347-356.

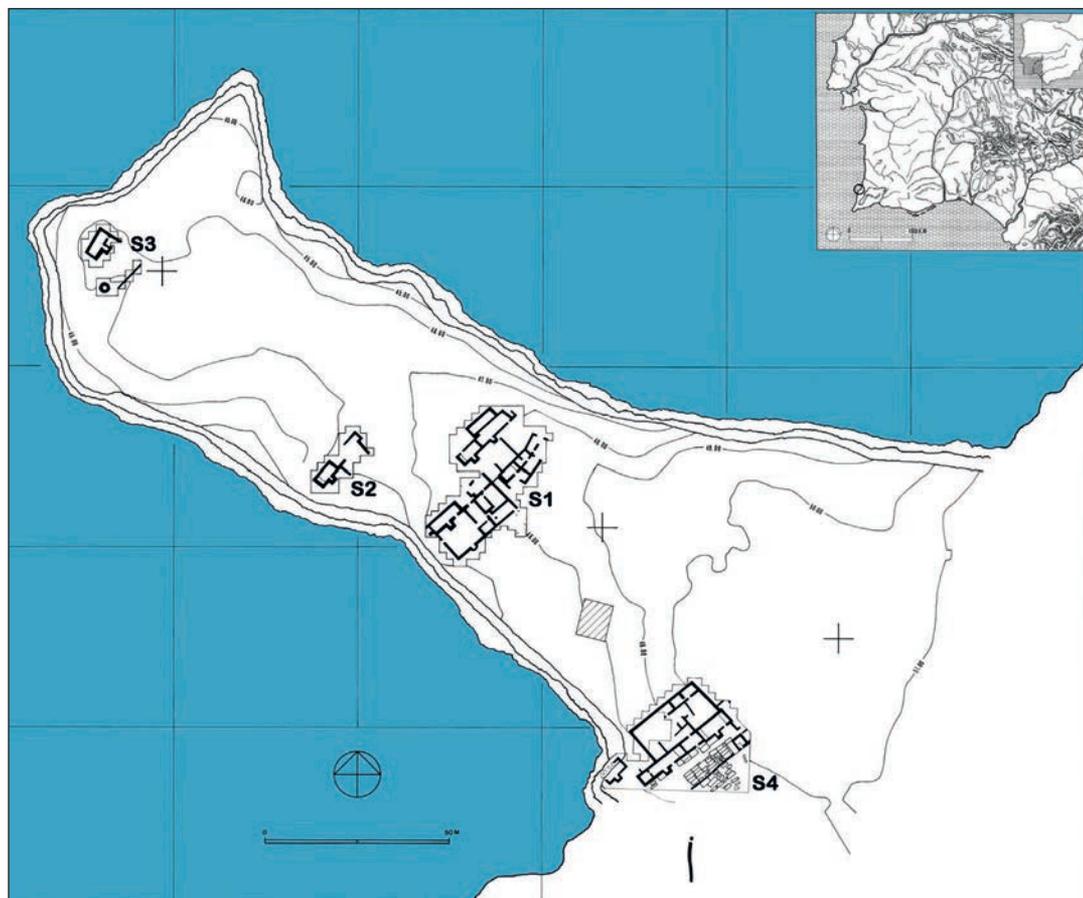
Ribāt da Arrifana

ESTE ARQUEOSSÍTIO pertence ao concelho de Aljezur e ao distrito de Faro. O seu acesso faz-se, para quem vem do norte, através da autoestrada (A2), até à saída para Grândola, depois pela IC4 em direção a Sines e a seguir pela N120 até Aljezur ou pela N120 a partir da Via do Infante. Antecedendo a povoação de Aljezur ou depois daquela, continua-se pela EM 1003-1 em direção ao Vale da Telha. Na última rotunda desta urbanização toma-se a segunda via de terra batida, em direção ao mar.

O *Ribāt* da Arrifana, situado na costa ocidental do Algarve, foi edificado em antiga plataforma de abrasão marinha, formando pequena *finis terrae* debruçada sobre o mar, hoje, denominada Ponta da Atalaia. Insere-se em paisagem ainda contendo poucos sinais de acção antrópica e que recorda o Cabo de São Vicente, visível a sul em dias de céu limpo e luminoso, do mesmo modo que, em sentido oposto, pode-se observar a zona litoral que atinge o Cabo Sardão, já no Alentejo. Ele ocupa um dos pontos mais ocidentais daquele setor da costa e, eventualmente, considerado o fim do mundo, entre as comunidades medievais europeias. Ali ouve-se a acção do mar, agitado ou tranquilo, investindo constantemente contra a base dos recortados penhascos, cujo substrato é formado por rijos xistos grauváquicos do Carbónico. O mar imenso é um espaço talvez desde sempre considerado perigoso, adimensional

e não raro possuindo águas revoltas, envolvidas por tempestades, acreditando-se ter vida própria e ser habitado por quimeras e/ou outros monstros, como pelos mortos, tornando-se quase lugar sobrenatural. Não deixando de constituir forte desafio para os sentidos e para a mente, ele é capaz de despertar profundas emoções e de proporcionar a exaltação metafísica. No limite, é o lugar da luta entre o bem e o mal, pelo que, segundo tal perspectiva, trata-se de meio propício aos itinerários iniciáticos, capazes de conduzirem à experimentação transcendente, ao contato com as divindades e ao Paraíso. A paisagem terrestre é telúrica, coberta por dunas e vegetação rasteira, agitada pelo vento e, a maior parte dos dias, envolta em densa neblina.

Muito embora tivesse sido, apenas, identificado em 2001 a informação literária medieval islâmica peninsular localiza o "mosteiro da Arrifana" como estando situado na "orla do mar", segundo conta Ibn al-Abbār (1199-1250). Ibn al-Khatīb (1313-1374), deixou expresso que o místico sufi Ibn Qasī "(...) edificou um mosteiro em alcaria importante do termo de Silves (...)", quando "(...) uma multidão de eremitas e gente de guerra tomou o seu partido, entre os quais os seguintes: Ibn Wazir (...), Ibn Anane (...), Ibn Almúndir (...), Ibn Abú Habibe e muitos outros indivíduos importantes da parte ocidental do al-Andalus". Texto, do século XII, indica a existência do *Tarf al-Ribana*, ou



Localização e planta das estruturas já identificadas, com a indicação dos distintos setores

Vista aérea da península onde se localiza o Ribāt (Foto: António Franco - 4Screen)



seja, o Cabo ou Ponta da Arrifana e, na centúria seguinte, o geógrafo Yaqût (*Mu'djām al-buldān*) menciona a região de *al-Ribana*, que disse localizar-se na costa, a norte do grandioso Cabo do Algarve, também conhecido como Cabo Sagrado e hoje de São Vicente. Ibn al-Hatīb (1313-1379) refere na obra *Kitāb a'māl al-a'lām* o facto de Ibn Qasī ter fundado o seu *ribāt* junto de *qarya ḡalla* ou "alcaria importante".

O denominado *Ribāt al-Ribana* ou da Arrifana, encontra-se intrinsecamente ligado ao seu fundador, Abū-l-Qāsim Ahmad Ibn al-Husayn Ibn Qasī, em geral referido apenas por um seu patronímico. Este mestre sufi, nascido na *kora* de Silves, pertencia a família abastada de origem cristã (rume ou moçárabe), tendo trabalhado como jurista e funcionário aduaneiro. Obteve sólida formação naquela cidade e talvez em Sevilha, falando e escrevendo em árabe erudito e, ulteriormente, segundo Ibn al-Arabī, foi discípulo dos mestres sufis Khalaf Allāh al-Andalusī e Ibn Khalīl, de Niebla, tal como de Abū-l-Abbās Ibn al-Arif, de Almeria. Estes propunham o retorno aos fundamentos da doutrina islâmica e ao ascetismo, como via de encontrar Deus. É possível que Ibn Qasī tenha permanecido no *ribāt* de Guardamar (Almería), cujo modelo terá implementado, em boa parte, na Arrifana, local onde já se fazia *ribāt* e próximo de povoação, como testemunha a informação escrita. Os dois

ribāt mencionados são os únicos, por ora, conhecidos e interencionados arqueologicamente na Península Ibérica. De regresso a Silves, Ibn Qasī abraça decididamente o sufismo, tendo vendido todos os seus bens. Metade dos valores conseguidos foram distribuídos pelos pobres e com a outra metade funda, em *circa* de 1130, o *Ribāt* da Arrifana. De facto, na correspondência trocada entre Ibn al-Arif e Ibn Qasī, datada de 1130/1131 a 1135, aquele primeiro já considerava o segundo, mestre possuidor de grande sabedoria, sendo por ele muito respeitado. Ibn Qasī era dotado de especial carisma, pois os seus discursos empolgavam multidões, pelo que cria rapidamente numerosos seguidores, procedentes de todas as classes sociais, iniciando movimento político-religioso, de feição fundamentalista, alastrado a todo o sudoeste Peninsular, incitando a revolta contra prepotências da administração almorávida, que então dominava o Islão peninsular.

Assim se explica o facto de Ibn Qasī ter fundado um *ribāt*, no sítio da Arrifana, com a respetiva *tarīqa* (comunidade religiosa), em momento crucial da história da Península Ibérica, quando os seus três reinos cristãos iniciavam forte ofensiva contra o sul Islâmico.

Muito embora Ibn Qasī e o *Ribāt* da Arrifana tenham sido mencionados por autores muçulmanos, o local não surge nos relatos da conquista do Algarve, nem tão pouco



Vista do Setor 4 durante a intervenção arqueológica



Lápidas funerárias epigrafadas, encontradas *in situ* (trad. de C. Barceló Torres).

- 1 [Em nome de Deus,] Clemente e Misericor[dioso].
- 2 «Deus testemunha, e com Ele [os anjos e] os homens dotados de ciência, que não há outro deus senão Ele, trabalhando
- 3 com equidade. Não há outro Deus senão Ele, o Poderoso, o Sábio» [Alcorão III, 18]
- 4 Morreu Ibrābīm bn 'Abd al-Malik – Deus tenha piedades dele! –
- 5 aos sessenta e oito anos, dando testemunho de que não há outro deus
- 6 que Deus, único, sem par e de que Maomé é seu servidor e seu enviado,
- 7 na noite de segunda-feira, a dez por ficar do último rabī do ano sessenta e um
- 8 e quatrocentos [15 de Fevereiro de 1069] Deus tenha piedade de quem recite uma oração e peça para ele a misericórdia!

aquando da tomada de Aljezur, eventualmente, devido ao facto de ter sido abandonado após o desaparecimento do seu fundador, em 1151.

Segundo testemunho do cruzado Roger de Howden (*De Viis Maris et de Cognitione Terrarum...* 1191-93) que quarenta anos depois por ali passou, depreende-se que o *Ribāt* se encontrava reconhecível, mas em ruínas.

Uma das mais antigas referências da História Portuguesa, a Ibn Qasī e ao seu *Ribāt* deve-se a Fr. Vicente Salgado. Ulteriormente João Baptista da Silva Lopes, em passagem onde refere Aljezur regista que “Na costa em hum



- 1 [Em nome de Deus,] Clemente, Misericor[dioso. Seja o que que]r Deus! Esta é a sepultura de
- 2 [Ta]rif (?) bn Ibrābī[m bn Sulay]man bn Hayyān
- 3 – Deus tenha piedade dele! – Ele
- 4 deu testemunho de que não há outro deus que Deus, único,
- 5 sem par e de que Maomé é seu servidor e seu en-
- 6 viado. Morreu no início do šawwāl
- 7 do ano quarente e dois e quinhentos [23 de Fevereiro - 3 Março 1148]
- 8 Deus tenha piedade de quem recite uma oração para ele e peça para ele a misericórdia!

sítio elevado, sobranceiro ao mar, se encontram ruínas de edifícios de huma não pequena povoação, cujas ruas ainda se conservão; e bem assim huma larga parede de argamassa, que sustenta as águas de huma grande nascente della, e muito boa”, muito embora aquele autor não lhe atribuisse valor histórico, tais vestígios devem corresponder ao *Ribāt* da Arrifana. Terá sido Alexandre Herculano quem primeiro conferiu o merecido destaque político e religioso a Ibn Qasī, dedicando-lhe algumas páginas da sua *História de Portugal*, considerando-o (...) *homem que subira ao poder pela sua audácia e esforço* (...), chegando a dele fazer aliado de



Mihrāb-s de duas mesquitas no Setor 1



Pequena mesquita (Setor 2)

D. Afonso Henriques. David Lopes repôs a verdade dos factos, reconhecendo, apenas, que aquele mestre sufi terá pedido auxílio ao monarca português sem o mesmo se efetivar, embora tenha servido de pretexto para o seu assassinato. De facto, Ibn Qasī tentou estabelecer acordo, ou pacto, com D. Afonso Henriques, que o trata como seu par, dado que, segundo Ibn al-Khatīb, lhe ofereceu um cavalo, um escudo e uma lança, prendas próprias de soberano. Segundo se percebe, ambos tencionavam constituir estados independentes, um a norte, o Reino de Portugal e outro a sul, teocrático e liderado pelo mestre sufi. Estes desejos não se concretizaram, no que respeita ao sul, dado que Ibn Qasī foi, naquele mesmo ano, acusado de trair o Islão e cobardemente assassinado em Silves, às mãos dos seguidores de al-Múmin e de Ibn Almúndir, tendo este, seu antigo discípulo, sido nomeado governador da cidade. A cabeça do mestre foi espetada na lança oferecida pelo rei cristão e passeada pelas ruas da cidade, enquanto os seus detratores gritavam: “Eis o mahdī dos Cristãos”.

Ulteriormente, vários autores escreveram sobre a vida e obra daquele carismático personagem, como A. Borges

Coelho (1973), A.G. de Melo Borges (1992), Adalberto Alves (2001), entre outros, assim como distintos investigadores que, ao longo dos anos, tentaram localizar o famoso *ribāt*, tanto no Castelo de Aljezur, como junto da atual povoação da Arrifana, sob dispositivo defensivo da modernidade.

O *Ribāt* da Arrifana teve como principal função o estudo e a reflexão religiosa, que se traduzia na preparação para a *djibād*, contra todos aqueles considerados inimigos do Islão e da verdadeira fé, tanto muçulmanos que enveredassem por heresias, como gentes de outros credos, designadamente cristãos, moçárabes ou judeus. A *djibād* era então tida como dever coletivo e legítimo, tendo em vista a propagação do Islão. Ali certamente foram divulgados e estudados os grandes princípios sufis, como a própria mensagem espiritual de Ibn Qasī, cuja obra capital denomina-se “Livro do Descalçar das Sandálias” (*Kitāb Kbal'a al-Na'layn wa iqtibās al-anwārmin mawdu al-qadamayn*) e de que se conhecem dois manuscritos, ambos conservados na Biblioteca Suleymaniya de Istambul. Subcapítulo daquele texto, intitulado *O Caminho das Escarpas*, refere as grandes dificuldades e privações da vida religiosa, fazendo-se alusão aos estreitos carreiros que naqueles é necessário percorrer, não sem perigos diversos, eventualmente, aludindo às altas arribas da Arrifana.

O complexo de edificações correspondentes ao *ribāt* fundado por Ibn Qasī contempla as três seguintes grandes vertentes: religiosa, político-militar e económica. A escolha de península, afastada dos centros de poder de então, para a edificação do *ribāt*, entronca em tradição antiga, com origens no oriente e que passou ao norte de África, onde se desenvolveu, sobretudo sob domínio almorávida. O *ribāt* costeiro responde não só à necessidade de defesa e controlo dos litorais, como de importantes vias comerciais, processadas através de rotas terrestres ou marítimas, percorridas principalmente à vista da costa, como às práticas ascéticas.

As escavações arqueológicas ocorridas desde 2001, permitiram identificar, por ora, quatro núcleos de edificações, certamente com funções distintas e refletindo planeamento hierarquizado, capaz de traduzir aspetos funcionais e simbólicos. O *Ribāt* era protegido por muro, de que se conhecem dois setores, individualizando-o, claramente, e à península onde foi instalado, do território costeiro anexo, demarcando deste modo o espaço sagrado do profano.

Na área situada imediatamente a seguir àquela delimitação encontram-se as ruínas de três mesquitas e complexo edificado, com amplo espaço, que considerámos poder corresponder a *madraza* (setor 4), onde se faria a iniciação na doutrina sufi e à comunidade ali instalada. Foram adossadas



Testemunhos do minarete e de pequena mesquita (Setor 3)

às *qiblas* de duas de tais mesquitas e ao muro de delimitação do *ribāt* ou sucessivamente encostadas umas às outras, quarenta e três sepulturas. No topo nordeste descobrimos restos de edificação que, dada a sua proximidade com a necrópole e constituição, podemos atribuir a espaço dedicado à lavagem e tratamento de cadáveres (*bayt al-janaez*). Este possuía compartimento, provido de bancada adossada a parede, local para armazenamento de água e tina escavada no solo. O chão e as paredes eram revestidos de massa muito rica em cal.

A necrópole desenvolvia-se no sentido nordeste-sudoeste, mostrando intensa ocupação do espaço, constituindo denso campo mortuário, atravessado por via longitudinal, entre as sepulturas, a partir de entrada, situada naquela primeira direção. Ela tanto dava acesso à necrópole como às mesquitas ali existentes. Em determinado momento, a necrópole foi ampliada, passando a ocupar o espaço anexo, a nascente, do muro que cercava o *Ribāt* e, portanto, a ele exterior. Ali contaram-se já vinte e duas sepulturas, desconhecendo-se o número daquelas que primitivamente constituíam a necrópole. Todas as sepulturas apresentam planta retangular, com diferentes dimensões, e algumas delas foram assinaladas através de pequenas estelas anepígrafas, constituindo exceção dois exemplares encontrados *in situ*

que ofereciam longos textos. Uma das estelas epigrafadas, mostra oito linhas, onde informa sobre a identidade do indivíduo sepultado, nome, idade no momento da morte, data em que aquela ocorreu e frase pertencente a formulário de carácter religioso. O texto principal foi datado em 461 H./1069 J.C., a que se juntou fragmento do Corão, entre 485 e 495 H./1094-1102 J.C., e ulteriormente pequena palavra invertida, na sua base, talvez de antes de 505 H./1112 J.C. Torna-se difícil sabermos se o epitáfio, reutilizado em tempos mais modernos que a data consignada na lápide, estava *in situ* no local onde se edificou o *Ribāt* ou foi para ali trasladado, de alcaria situada próxima, conforme referimos. A escavação arqueológica de sete das sepulturas identificadas, permitiu reconhecer serem individuais e registar as formas, dimensões e posicionamento das fossas funerárias, indicando que os corpos seriam inumados em *decubitus* lateral, orientados nordeste-sudoeste, com a face voltada para Meca (sudeste).

Em zona onde a península estreita, descobriu-se denso complexo de construções, formado por quatro mesquitas, uma das quais com grandes dimensões, possivelmente a mesquita principal onde grande parte da comunidade se reunia, e grupo de habitações, algumas com pequeno pátio (Setor 1). Este conjunto permitia controlar a passa-



Plantas e reconstituições gráficas de estruturas identificadas nos Setores 1, 2 e 3

gem para o interior da península, também defendido por altas falésias envolventes, sugerindo corresponder à zona com maior atividade do *Ribāt*. Na restante área identificamos pequena mesquita com anexos, ocupando relevo sobranceiro ao mar e situada no lado sul da península da Atalaia (Setor 2), por certo correspondendo a personagem destacada. Na extremidade da península descobrimos núcleo de edificações, formado por testemunhos de possível "muro de orações", de pequena mesquita e de minarete (Setor 3). Este último local, debruçado sobre o Oceano, correspondeu, por certo, ao espaço considerado mais sagrado do *Ribāt*. O "muro de orações", edificado em taipa, constituiu, muito provavelmente, a primeira construção ali erguida, definindo *musallā* ou oratório ao ar livre. A pequena mesquita situada próxima, pode ter sido a utilizada pelo mestre, dada a importância simbólica do sítio que ocupa, como pelo facto de junto se encontrar o minarete. Este foi, no século XIV, transformado em torre-atalaia, gerando o micro-topónimo através do qual o local é hoje conhecido. Do minarete os fiéis eram chamados cinco vezes ao dia para fazerem as suas orações e deveria, igualmente, funcionar como torre de vigia da costa.

As construções identificadas foram edificadas em taipa, mas sobre alicerces e bases das paredes em alvenaria de pedra, sendo exceção o "muro de orações" e outros restos de paredes, totalmente erguidos em taipa. Os pavimentos, de terra batida, raramente ofereciam zonas lajeadas ou empedradas, com seixos achatados de grauvaque, mas sendo, por vezes, cobertos com argamassa de cal e areia.

Em cada *mibrāb*, tanto as abóbadas, como as paredes e o chão, eram revestimentos de massa, muito rica em cal e contendo areia finíssima, ou seja, de estuque, tendo alguns elementos decorativos de gesso. As coberturas dos edifícios eram do tipo telhado, estruturadas por vigas de madeira unidas por pregos de ferro, e revestidas por típicas telhas de canudo, ou em terraço, utilizando-se madeira, canas e barro.

As pequenas mesquitas dispunham, normalmente, de uma entrada, aberta na *qibla*, provida de porta de madeira, abrindo para o interior e com soleira de pedra, sobrelevada, em relação tanto ao piso exterior como ao interior. Uma das mesquitas mostrava a entrada (Setor 4) propositadamente entaipada, antes de ser abandonada. No exterior de algumas portas, muretes de forma semicircular, de pedra solta, protegiam o interior das mesquitas da entrada de areia quando arrastada pelos fortes ventos que ali se fazem sentir. As plantas dos nichos sagrados oferecem algumas diferenças, observando-se em seis das mesquitas, nas três mais pequenas e em três de maiores dimensões, o contorno exterior quadrangular, ou sub-rectangular, enquanto

o nicho apresenta planta com forma de arco ultrapassado, algo alongado. Na mesquita de maiores dimensões, que se adossa a uma outra e sendo, portanto, a ela ulterior, reconhece-se *mibrāb* possuindo contorno exterior com planta de forma semicircular.

A análise arquitetónica permitiu identificarmos três grandes momentos construtivos no *Ribāt* da Arrifana. O mais antigo corresponde ao "muro de orações" ou *musallā* e que existiu na extremidade da Ponta da Atalaia (Setor 3), ao qual se sucedeu outro que integraria as cinco mesquitas com *mibrāb* possuindo planta de forma quadrangular ou retangular, e os seus diversos anexos, refletindo período de grande afirmação religiosa. Por fim, o terceiro integra obras de ampliação ou de renovação, conforme ilustra a grande mesquita do Setor 1, provida de *mibrāb* com planta de forma semicircular e que se adossa a um dos templos antes referidos.

ESPÓLIO

Conforme sempre acontece em zonas de *habitat*, também o espólio exumado no *Ribāt* da Arrifana deve refletir aspetos da vivência comunitária como particular dos seus ocupantes, os *murābitūn* ou monges-guerreiros ascetas, ali congregados em torno do seu líder espiritual e político. Aquela conjuntura sócio-religiosa, por ora única no ocidente Peninsular, traduz-se no facto de o espólio exumado nos setores até agora escavados ser pouco numeroso, se comparado com o habitualmente recuperado em áreas habitacionais ou palatinas, do mesmo período e com idênticas dimensões. Todavia, detetámos, em algumas zonas do *Ribāt*, exteriores às construções e junto às falésias, grandes aglomerados de conchas, pertencentes a diferentes espécies de moluscos marinhos, à mistura com peças osteológicas de mamíferos, aves e peixes, utilizados na alimentação, tal como alguns fragmentos de vasilhas de cerâmica, constituindo verdadeiras lixeiras e refletindo preocupações higiénicas.

As cerâmicas constituem o espólio não só mais numeroso, mas, também, mais significativo em termo paleoetnológicos, sendo muito escassos os artefactos produzidos com outras matérias-primas. Os testemunhos cerâmicos subdividem-se em duas grandes categorias: a dos recipientes e de outras pequenas peças relacionadas com as atividades quotidianas e a da cerâmica de construção, representada, exclusivamente, por fragmentos e alguns exemplares completos de telhas, não raro decorados através de linhas e impressões digitadas, formando desenhos variados. Um destes elementos construtivos apresenta inscrição incisa.

Entre o espólio metálico exumado importa destacarmos folhas de lança, pontas de flecha ou de virotes de besta, machado, tudo de ferro, argolas de cotas de malha, de bronze, restos de pequenos estojos-amuleto, em liga de cobre, e cinco pequenos rolos-amuleto de chumbo, que ainda não abrimos. Este espólio reflete melhor as atividades sócio-religiosas decorrentes das funções próprias de um *Ribāt*, onde se fazia apelo à guerra santa, dali partindo os combatentes. As armaduras de flecha denunciam a presença de tiro com arco, arma que foi usada tanto na guerra como na caça e muito divulgada no mundo muçulmano, cuja utilização terá sido defendida pelo próprio Profeta. Tiveram função defensiva as pequenas argolas de cotas de malha, embora mostrando dimensões maiores em relação a outras encontradas em Silves ou Faro, procedentes de contextos almóadas. Os tubos-amuleto, um deles decorado, correspondem a artefactos com funções apotropaicas, dado que tais peças guardavam frases do Corão, escritas sobre papel ou pergaminho, acreditando-se não só protegerem como, de certo modo, predestinarem a vida de quem as usava. Os rolos de chumbo, introduzidos nas paredes das mesquitas, conforme acontecia com exemplares

provenientes dos Setores 2 e 4, geralmente contêm frases, pintadas, gravadas ou em relevo, de carácter religioso, onde se expressava a Fé. Pequenas placas de pedra, com inscrições de carácter religioso, reafirmam a fé em Deus. Duas lucernas foram depositadas no interior de paredes refletindo ainda atividades religiosas.

O *Ribāt* da Arrifana, dada a sua importância para a História de Portugal, foi classificado, em junho de 2013, como Monumento Nacional.

Texto: RVG/MVG - Fotos e desenhos: RVG/MVG

Bibliografia

ALVES, A., 2001; BORGES, A.G.M, 1992, pp. 209-215; COELHO, 1973; DE LA PUENTE, C., 2001; GOMES, M.V. e GOMES, R.V., 2015; GOMES, M.V. e GOMES, R.V., 2019; GOMES, R.V. e GOMES, M.V., 2007; GOMES, R.V. e GOMES, M.V., 2011; GOMES, R.V. e GOMES, M.V., 2012; GOMES, R.V. e GOMES, M.V., 2015; HERCULANO, A., 1875; LAGARDÈRE, V., 1998; LÉVI-PROVENÇAL, E., 1934; LOPES, D., 1910; LOPES, J.B.S., 1841; MARÍN, M., 2004; MOLINA, L., 1983; NWCYIA, P., 1956, pp. 217-221; NWCYIA, P., 1978-79, pp. 47-56; PICARD, C., 1997; PICARD, C., 2000; SALGADO, V., 1786; SEYBOLD, Ch. F. e LOPES, D., 1903.